

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
COM A LINHA DE SOMBRA
21 de Março de 2025

GERMANIA ANNO ZERO / 1947

(*Alemanha, Ano Zero*)

um filme de Roberto Rossellini

Realização: Roberto Rossellini / **Argumento:** Roberto Rossellini, Carlo Lizzani e Max Koppet, baseado numa história original de Roberto Rossellini sobre uma ideia de Basilio Franchina / **Fotografia:** Robert Juillard / **Décors:** Piero Filippone / **Música:** Renzo Rossellini / **Montagem:** Eraldo Da Roma / **Interpretação:** Edmund Moeschke (Edmund), Ernst Pittschau (o pai de Edmund), Franz Krüger (o irmão de Edmund), Erich Gühne (o Professor), Ingetrand Hinta (a irmã de Edmund), etc.

Produção: Roberto Rossellini e Alfredo Guarini para Tevere Film (Roma), Salvo d'Angelo Production (Roma), SADFI (Berlim), e UGC (Paris) / **Cópia:** DCP, preto e branco, versão alemã, legendado em português, 73 minutos / **Estreia Mundial:** Roma, Junho de 1948 / **Estreia em Portugal:** Nimas, Campo Alegre, a 26 de Março de 2005.

Germania Anno Zero, ou na versão alemã que vamos ver, **Deutschland im Jahre Null**, marca, na obra de Rossellini, um corte considerável. É com este filme que se desfazem os equívocos que ainda puderam permitir o sucesso comercial de obras como **Roma, Città Aperta** ou **Paisà** e o realizador - apesar de um prémio em Locarno - entrou também no "ano zero" da sua solidão e incompreensão.

Perante uma obra-prima tão famosa prefiro dizer muito pouco. Este filme convida ao silêncio. Com ele se reinicia o cinema, um cinema que ainda não saiu do seu Ano Um: o ano de 1947, ano de **Germania**. Nada mais se inventou, nada mais se acrescentou. Este é ainda o filme de todos os começos, o filme fundador.

Alemanha, Ano Zero, é o filme em que Rossellini trabalha logo após **Roma** e **Paisà** e devia ser, segundo as suas próprias palavras, o último painel do tríptico sobre a guerra.

Do filme, disse Rossellini: *"Pude filmar **Germania, Anno Zero** exactamente como queria e hoje, quando revejo a obra, ainda fico comovido com os resultados. Creio que o meu juízo sobre a Alemanha está certo; talvez incompleto, mas certo. No entanto, e contra toda a expectativa, o acolhimento feito a **Germania, Anno Zero**, foi muito mau e foi, nessa altura, que comecei a formular algumas interrogações. O mundo do cinema tinha-se reorganizado, reencontrara os seus hábitos e o seu estilo de antes da guerra. **Germania, Anno Zero** era julgado com base numa estética anterior à guerra, tal como **Roma, Cidade Aberta** tinha agradado pelo que possuiria de novidade em relação a tal estilo. Por outro lado, também o mundo político se havia reorganizado e o*

*filme era julgado em função duma nova política. As críticas a **Germania, Anno Zero** revelaram-me o que os jornalistas pensavam do problema alemão (ou o que sobre ele pensavam os directores dos jornais em que escreviam) mas não me foram de nenhuma utilidade no plano crítico. Mas tive, então, a clara consciência de estar perante um dilema: ou a prostituição, ou a sinceridade".*

Que censurou, especificamente, a crítica a Rossellini? A fragmentação da narrativa, que lhes parecia arrastar-se por pontos fracos em prejuízo da intensidade dramática e a ausência de heróis positivos, que implicaria uma ambiguidade política, que não foi perdoada.

Não é difícil compreender reacções destas, perante um filme cujas inovações são permanentes e em que encontramos, já, todos os dados da fase posterior de Rossellini. Aqui, ao contrário de **Roma**, as crianças não nos apontam o futuro, mas emergem e mergulham nas ruínas e na morte, décor expressionista transfigurado que cerra o espaço e o tempo, sem aberturas programáticas. Os primeiros seres humanos que nos surgem estão num cemitério, os últimos nos escombros.

Para além disso, o que conta não são os momentos dramáticos, mas o permanente acompanhamento das personagens por uma câmara que não os larga e que confere um peso admirável ao seu mínimo gesto e à sua mínima expressão. A caminhada final de Edmund demonstra-o de maneira assombrosa, sendo, por si só, um dos mais extraordinários momentos do cinema de Rossellini.

Mas, dentre a multiplicidade de exemplos que se poderiam escolher para ilustrar a genialidade desta obra, proponho a sequência do encontro de Edmund com a rapariga, quando se vai dar a sua iniciação ao amor. "*Onde estamos?*" pergunta Edmund. "*Pouco importa*" respondem-lhe. E, de súbito, silêncio, passos, olhares, vão produzindo um mundo de emoções e acontecimentos que nenhuma outra linguagem poderia exprimir.

É a partir dessa sequência que está aberto o caminho que irá dar a **Stromboli, Europa 51, Viaggio in Italia**. O cinema de Rossellini. O cinema dito moderno. O cinema todo.

JOÃO BÉNARD DA COSTA